

O SÁBIO E O VAGABUNDO

Pássaro Marrom¹

Era fim de tarde em Atenas, e na praça alguns homens já ali conversavam fazia horas. Era um grupo de peripatéticos, que discutia tópicos diversos a respeito de política, até que um de muitos momentos de maior exaltação levou a conversa ao seu fim.

-Não é possível que você pense dessa forma! Retorne ao curso de Lógica. Não é possível argumentar que há uma relação necessária entre dois eventos pela simples ocorrência simultânea dos dois.

-Mas eu não disse isso! Meu argumento nesse sentido foi retórico, não lógico.

-Retórico nada. Sofístico!

-Alto lá! Deixe-me expor meu raciocínio. Meu argumento foi retórico, no seguinte sentido: você deve considerar a possibilidade de relação entre dois eventos, se um acompanha o outro nas suas ocorrências, de modo proporcional e explícito. Isto não quer dizer ainda, é claro, que a relação foi demonstrada, mas é suficiente pra que essa ocorrência simultânea se torne objeto de uma futura pesquisa.

-Sim. Talvez seja bom fazer essa pesquisa em um lamaçal no alto da montanha, onde, segundo o Heráclito, também há deuses.

¹ Essa ave de arribação nasceu em Fortaleza, mas cresceu em Horizonte e, após um retorno à cidade natal e um breve excuroso pela República de Curitiba, assentou residência sobre as areias de outro Horizonte, nomeadamente Belo.

-Talvez seja, sim, o caso, no alto da montanha, porque aqui, entre vocês, já vi que só se pesquisa o que já se sabe. – disse o moço, recolhendo suas coisas.

-Ah, deixa de fazer drama. Já vai embora, só por isso?

-Não, eu e seu primo precisamos cuidar de um assunto, digamos, particular.

-Ih, sinto cheiro de essências, ouço vozes delicadas...

-Antes fossem mulheres. Política, é isso o que tem tomado todo o meu tempo!

-Que coisa boa, então! Nos vemos amanhã, novamente aqui.

-Passar bem.

Neste momento, vinha caminhando a algumas quadras dali um homem com uma mala. Ele era um sofista e tinha o corpo todo prateado. Naquele dia, após longa viagem de carona em carros de boi, o sofista prateado chegou em Atenas. Próximo à entrada da cidade, um transeunte o abordou.

-Olá, quem é você?

-Sou o sofista prateado.

-Esse é o seu nome?

-É como me chamam.

-E por que você é prateado?

-Não sei. Você sabe por que tem essa sua cor de pele e não outra?

-Essa cor é idêntica à da pele dos meus pais. E aliás é igual à da pele de todos, pelo menos de todos os cidadãos de Atenas que já conheci. Sei que existem outras cores de pele, mas é a primeira vez que vejo um homem cor de prata.

-Eu também me assustei um pouco a primeira vez que vi um homem da sua cor. Mas não percamos mais tempo com isso. O senhor saberia me informar pra que lado fica a Ágora?

-Ali, meu senhor. Você marcou um encontro?

-Não. Quero divulgar meu serviço aos cidadãos de Atenas.

-Serviço?

-Sim, sou sofista.

-E prateado. Não entendo muito desse palavreado filosófico. Bem, boa sorte então.

-Obrigado.

Chegando à Ágora, o sofista prateado manteve sua naturalidade, parecendo perfeitamente acostumado aos olhos arregalados de todo mundo em sua direção. Sem se incomodar, ele abriu sua bolsa e montou um cavalete, sobre o qual firmou um quadro com os seguintes dizeres:

"Ensino a quem possa pagar:

-Noções básicas de argumentação jurídica - \$100h/a;

-Noções básicas de estratégia política - \$100h/a;

-Noções avançadas de gramática - \$80h/a;

-Filosofia pré-socrática - \$50h/a;

-Filosofia pós-socrática - \$25h/a."

O peripatético ficou abismado com a cor do sofista e se aproximou. Ficou então muito mais abismado com o preço da aula sobre o período pós-socrático, indignou-se e veio ter com o nosso herói.

-Meu senhor, que absurdo é este?

-Qual absurdo, meu senhor?

-Em primeiro lugar, não sou seu senhor, não tenho nada com gente do seu tipo.

-Apenas retribuí a sua cordialidade, senhor. Mas minha cor o ofende tanto assim?

-Não é isto! Você oferece o mais puro, o mais elevado, o mais precioso dos bens, você o oferece por trocados, em um balcão de mercado, como quem vende sapatos ou mata-moscas!

-!...

-E não bastasse essa ofensa à própria humanidade, da qual eu só posso lamentar que muitos atenienses compartilhem, mas não bastasse isso, o senhor acrescenta a essa barbárie o despautério de conferir à Filosofia pós-socrática um preço inferior, e não apenas inferior à política e à gramática, mas inferior também à Filosofia pré-socrática! Como o senhor justifica a possibilidade sequer deste absurdo? E eu lhe peço que meça bem suas palavras, pois me vejo disposto a acusa-lo em praça pública por ofensa moral!

-Humildemente, senhor, peço calma. Vamos por partes, por favor. Notei que o senhor tem um ar respeitável e não pude deixar de perceber sua expressão desgostosa,

então decidi levar o que o senhor dizia muito a sério, e me dispus a me retratar caso eu, ainda que por descuido, houvesse cometido qualquer ofensa a alguém.

-Deixe de enrolação! Guarde isso pro tribunal, pois eu o levarei em breve até lá!

-Considerarei bem o que o senhor falou. Mas o senhor diz que eu ofereço o mais puro, o mais elevado, o mais precioso dos bens por meros trocados. E eu puxei bem na memória e não lembro de ter trazido em minha bolsa nada além de uns poucos alimentos, este cavalete e esse humilde anúncio. E não ofereço nenhum deles pra venda, ao menos não a princípio. A única coisa que vendo são os conhecimentos que pude obter com o tempo. Acredite, faço um preço justo. É meu ganha-pão, que não me deixa jamais com fome, mas não me oferece nenhum luxo. Agora, sobre os preços, meu senhor, não entendo o espanto. A filosofia pré-socrática é menos procurada que a pós-socrática, certamente, mas é, tanto mais difícil de colher conhecimento a respeito dela, como mais difícil encontrar quem se ocupe disso, seja pra ensinar, seja pra aprender. Faço um preço justo.

-Como vocês são voluntariosos pra descobrir esconderijos e atalhos, que lhes permitam escapar da verdade! Pedi que medisse bem as palavras, e o senhor me vem com esse palavreiro que não diz respeito simplesmente a nada do que eu lhe falei! Olhe bem, se você prosseguir com essa sua sofisticada imunda, vou lhe mostrar de que matéria são feitos os cidadãos atenienses!

-Peço perdão, senhor, se não pude compreender o que deseja deste humilde servo. Julguei que o senhor se referia ao serviço que ofereço mediante pagamento e aos preços que determinei, mas parece que apenas o compreendi mal.

-Disso não posso duvidar! A compreensão de tudo o que é nobre é uma faculdade que certamente lhes falta!

-Façamos assim. Pra que eu compreenda bem as suas perguntas, permita que eu próprio as repita com as minhas palavras, por favor.

-Que seja!

-Em primeiro lugar, o senhor deseja saber por que vendo meus conhecimentos, e julga que eles sejam o bem mais precioso de todos? Se é isto, muito me interessa ouvir o elogio do produto que ofereço, pois é possível que os atenienses tenham uma noção do meu trabalho que eu próprio não possuo. Eu sou novo nesse ramo e baseei meus preços na minha própria experiência com a matéria. De qualquer forma, quem olha de fora muitas vezes enxerga melhor. Quanto ao segundo ponto, o senhor quer que responda o quê a respeito dos preços? Essa parte eu admito que

não consigo compreender, por que tanto rancor, se é indiscutível a maior dificuldade em se falar de filosofia pré-socrática? O senhor deve saber que todas essas filosofias vêm sendo deturpadas a ponto de muitas pessoas citarem um filósofo pra dizer justamente o contrário do que o filósofo queria dizer!

-Ah, é? Me dê um exemplo.

-Veja, por exemplo, o que fazem com Parmênides. Eles agora querem dizer que o caminho da verdade é o caminho da construção filosófica. Existe absurdo maior? Como se fosse possível construir o que é ingênito. Mas eu precisei ir atrás, pesquisar, o senhor sabe como é... Faço um preço justo.

-Tudo bem, homem. Vou entrar no seu joguinho. Mas saiba que vai se arrepender. Não é um patético beberrão qualquer que o senhor tem diante de si. Sou um peripatético! E a modéstia não me impedirá de dizer que sou um dos mais aplicados. Não será a primeira vez que faço um mercenário estúpido da sua laia sair de orelhinha baixa dessa praça, pra nunca mais voltar!

-Não ouse duvidar da vossa bravura, senhor! E me disponho a testemunhar em seu favor – disse o sofista, olhando pros lados e levantando o indicador aos céus –, caso alguém ouse tentar manchar a imagem de um homem tão distinto!

-Pois bem. Entremos por uns instantes nesse seu teatro, apenas pra derruba-lo por dentro! Pois bem. Estrangeiro. Não informaram ainda ao senhor, os depravados sofistas que o precederam, seus mentores, não o informaram que, sem querer desmerecer nenhuma das nobres atividades praticadas pelos nossos excelentes patrícios, mas, dentre todas essas atividades, é a Filosofia a mais pura, a mais nobre, a mais elevada, e na verdade a melhor das coisas que o homem pode buscar em sua vida? O senhor faltou a esta lição?

-Não, senhor. De modo algum. Sou plenamente consciente, tanto da argumentação platônica a respeito da vida do filósofo como a melhor das vidas, como da argumentação aristotélica em defesa da filosofia como o próprio exercício da felicidade, que é o Bem supremo. Mas o senhor sabe que nem os filósofos nem ninguém têm a obrigação de concordar com nada disso, não é verdade? Os papiros aceitam qualquer coisa, e é tão certo que o filósofo hoje diz alguma coisa, como é certo que amanhã o seu aluno dirá o contrário. Pois bem, eu não concordo que a vida do filósofo seja melhor, nem que a filosofia é o mais precioso dos bens. Se isso o ofende, meu senhor, peço sinceras desculpas, mas não é absolutamente minha intenção. Nem seria minha intenção ofender os pescadores ou louvar os mineiros se eu aqui escrevesse em meu cartaz: "peixe - \$20 / pepita de ouro - \$2.000". Faço

preço justo, senhor.

-Hahahahaha. Logo se nota. O senhor veio de que povoado? Não precisa responder! Não é privilégio dos bárbaros viverem no nível da mera opinião, isso é até recorrente por aqui. Mas devo ressaltar que vem piorando com a atividade dos seus colegas.

-Que colegas, senhor?

-Estrangeiro. Não ponha os argumentos quase místicos do Platão ao lado da argumentação pura, abstrata do senhor Aristóteles. Nem os mercadores mais tolos põem um peixe e uma pepita de ouro um ao lado da outra em um balcão!

-Perdão, só pra confirmar, a pepita de ouro é a teoria do Aristóteles, certo? Eu infiro da sua afirmação anterior, de ser peripatético.

-Peço ao senhor que evite zombar da minha cara. Não que isso faça cócegas em minha humanidade. Mas a honra de um homem valente me exige lembra-lo, bárbaro, que já venho cedendo bastante espaço pra você. Tenho tentado poupar-lhe a vergonha de ter esse seu cartaz fétido arremessado no lixo!

-Longe de mim, senhor. Longe de mim.

-É óbvio que um indivíduo mergulhado nas opiniões não consegue distinguir entre uma teoria com resíduos de iniciação misteriosa de uma teoria que brota da consideração puramente racional dos objetos que se apresentam a um observador perspicaz e refinado. Duvido até que possa entender qualquer palavra que acabei de dizer.

-De forma alguma, senhor. Não apenas compreendo tudo o que acaba de me dizer, como gostei da concisão com que descreveu os dois sistemas, embora eu seria menos parcial. Um dia, ainda irei cita-lo, com as devidas ressalvas e com sua permissão, claro.

-Se depender de mim, senhor, depois de hoje, o senhor nunca mais citará ninguém! Será ao contrário citado em tribunal e me verá na primeira fila!

-Senhor, temos afazeres, eu e o senhor. Se pudermos prosseguir com nossa discussão de modo mais objetivo, eu agradeceria profundamente. Não é que eu não tenha vontade às vezes de entabular horas de conversa com um peripatético. Mas é que ainda não chegamos sequer a um ponto pacífico. Vejo que o senhor me teria dado já um tapa, não fosse o seu desejo de primeiro tentar apresentar suas razões. Acontece que ainda não as compreendo.

-E como compreenderia?! Como pode um tagarela, um vendedor de opiniões como

você, querer julgar se a Filosofia é ou não é a melhor das atividades que cabem ao homem nesta vida? Se você nem conhece a própria. Nunca filosofou na vida. Do contrário, não seria sofista! Nem prateado, creio eu...

- Senhor, eu faço um preço justo. Pouquíssimas pessoas se inclinariam a pagar mais por aulas de filosofia do que por aulas de gramática. E digo mais. Pouquíssimas pessoas sequer perderiam o seu tempo estudando esses sistemas filosóficos fora de Atenas. O senhor já saiu de Atenas?

- É claro que conheço inúmeras outras cidades e já pude conhecer também outros povos. Bárbaros! Todos bárbaros! E o senhor tem a audácia de usar seu número de vendas entre compradores bárbaros como critério de valor do que é excelente ao homem. Bem se vê que é um mercenário, e dos mais estúpidos!

- Eu faço um preço justo. Apenas quis dizer que não vendo aulas de filosofia por todo lugar onde ando. Mas o senhor deve ter notado que Atenas é o centro de atração e de irradiação de sofistas, não?

- E daí? O que o senhor quer insinuar com isso? É onde há luz que são produzidas as sombras, meu senhor. Consegue perceber?

- Sim, sim, certamente. Não quero insinuar nada. Mas considero muito justo que aqueles que o senhor chamou bárbaros não se interessem, nem por essas filosofias, nem por sofistas.

- O que os bárbaros fazem ou deixam de fazer não me interessa. E não deveria interessar ao senhor, já que não lhe servem de fregueses.

- Esta não é a única atividade que eu desempenho na vida, senhor. No mais, além de fregueses, senhor, tenho familiares, amigos, conterrâneos. Grande parte deles me interessa infinitamente mais do que meus fregueses. Com estes, minha relação é puramente, digamos, comercial.

- Bárbara.

- Quem?

- Veja bem, estrangeiro. Já desisti de leva-lo ao tribunal, e nem sequer desejo expulsá-lo daqui. Não. Não me entenda mal. Eu o desprezo. Sinto frustrar-lhe a fantasia, mas nem fui convencido pela sua tagarelice infantil, nem simpatizei com a pessoa do senhor. O que me move é o desprezo. Nunca fui de esmigalhar formigas, não me daria a fazer nada disso agora. Mas a honra do meu mestre obriga que eu lhe ordene: retire todos os preços que escreveu nesse anúncio, ou ponha o preço justo,

quer dizer, ah dane-se!, o preço mais alto após a Filosofia peripatética! Já!

-Eu faço um preço justo, senhor. Mas não quero incomodar ninguém. Quero pedir um último favor. Antes que eu me retire com meu cartaz, apresente-me as razões que o fazem crer nessa excelência da filosofia diante das outras atividades humanas. Exponha-me, por favor, conforme a teoria aristotélica, o que é a opinião, o que é a razão, o que é a mística, e qual destas coisas conduz à verdade e à felicidade, e por quê?

-Não sou uma metralhadora de sofismas como você, seu bárbaro! Qualquer iniciante no estudo da grande Filosofia sabe que essas coisas exigem um esforço racional demorado e disciplinado. Apenas crianças emancipadas como você acreditam poder falar de coisas tão elevadas com a despreensão de quem comenta uma corrida de cavalos.

-Certamente. Mas o senhor faria um grande serviço à cidade se pudesse, com a força dos seus argumentos, expor a indignidade de comerciantes como eu, afastando-nos assim, se não de toda a cidade, pelo menos do caminho dos jovens propensos ao estudo da filosofia. Então eu peço que considere. Responda-me ao menos uma coisa. Por que é mais nobre filosofar do que vender produtos na praça?

-Você quer, estrangeiro, que eu perca meu tempo respondendo a essa pergunta ridícula?

-Eu peço humildemente que considere fazer esse favor. Se o senhor o fizer, de boa vontade, eu retiro meu anúncio da praça e me retiro da cidade. Mais do que isso: sairei cantando seus argumentos! – disse ele, novamente gesticulando aos céus e olhando ao redor, como um pregador.

O peripatético ficou estático por quase um minuto. Sua expressão era de desprezo altivo, mas algo denunciava uma hesitação no seu espírito, uma errância na verdade. É provável que ele fazia cálculos, pra decidir se valia a pena expor ali seus argumentos.

-Muito bem. Só vou lhe pedir uma coisa. Recolha seu anúncio à sua bolsa, pra que possamos caminhar. Filosofar é uma atividade. Ainda que não passe de analogia, é melhor que saíamos dessa posição estática e discutamos com nossos pés em movimento. Isso também ajudará a que não chamemos tanto a atenção dos demais, e a oratória pública não venha a corromper a pureza dos nossos raciocínios.

-Certo. – disse o sofista, que prontamente se pôs a guardar seu material.

-Não se sinta incomodado. Eu garanto que o senhor precisaria retirar esse anúncio de qualquer modo, após minha exposição. – disse, enquanto iniciaram a caminhada

por uma rua que levava aos campos em redor da cidade.

-Pois bem.

-Muito bem. Veja bem, estrangeiro. Antes de iniciar, quero pedir que você me conte, resumidamente, como chegou a se tornar em um sofista? Pode me dizer isso em poucas palavras?

-Pois não, senhor. Tudo começou quando, pela primeira vez, eu saí do meu povoado, com um amigo meu, Glauco, um desenhista, e fomos a um baile, em uma cidade próxima de onde eu vivia. Eu me sentia bastante deslocado e fiquei num canto, até que uma moça bem vistosa se aproximou e perguntou: "Você é desses que preferem ver as pessoas mortas do que festejando?" Ao que eu respondi: "Eu sou de boa". E ela replicou: "Eu sou Diotima". Conversa vai, conversa vem, eu senti que essa moça ia me enfeitando...

-Eu pedi a você que contasse como se tornou sofista, não seus casos amorosos! Que raios de história é essa?!

-Vou apressar o passo: fiquei loucamente apaixonado por essa mulher, mas ela logo me trocou por outro, e isso me deixou doente e perdido. Primeiro, porque o sofrimento foi intenso, mas também porque eu já tinha tomado decisões na vida, pensando em ficar com ela, das quais não podia mais abrir mão. Com ela, eu aprendi sobre os assuntos da alma humana, e isso me levou a estudar as diversas escolas filosóficas, da Grécia e além. A necessidade então me levou a vender aquilo que era a única mercadoria que eu tinha em mãos, esses conhecimentos dos sistemas filosóficos, assim como outros que eu adquiri e que fui vendo que valiam bem mais na cotação geral, como o senhor pôde ver no meu cartaz.

-Certo. Por mim, já basta. Prossigamos.

-Sou todo ouvidos.

-Serei sucinto. Enxergo ao menos duas razões pra que a Filosofia seja superior ao comércio. Em primeiro lugar, pela própria natureza do homem, como animal dotado de razão, a mais excelente das suas partes. A posse da faculdade racional obriga ao homem necessariamente, desde que queira viver de modo excelente, a ocupar-se dessa faculdade, e ocupar-se do modo mais puro, portanto, obriga-o a filosofar. Em segundo lugar, fazendo uma comparação entre as duas atividades, é indisfarçável que a Filosofia, diferente do comércio, encerra-se sobre ela própria, e o filósofo não precisa senão do próprio espírito pra exercitar a Filosofia, ao passo que o comércio não existiria sem uma infinidade de outras atividades, como o cultivo da terra e

o artesanato, e o comerciante vive uma espécie de mendicância, dependendo do capricho e do humor dos seus fregueses, pra que não lhe falte a recompensa do seu trabalho. Eu poderia me estender em razões outras pra afirmar a suprema excelência da Filosofia, estrangeiro, mas em favor da brevidade me limitarei a essas duas, que me parecem suficientes. Não acha?

-Não sei se são suficientes pra demonstrar a correção do seu ponto de vista, senhor, mas me parecem suficientes pra que eu possa contrapor minha objeção de modo abrangente.

-Pois bem.

-Pois eu lhe digo, senhor, que nunca me senti naturalmente obrigado a filosofar, nem conheço uma pessoa sequer – pelo menos antes do senhor – que o tenha sido. Todas as pessoas que se aventuram na filosofia, dentre as que conheço, quando são obrigadas a isso, é por simples exigência ou conveniência social. Essa exigência, aliás, o mais das vezes se deve a uma completa falta de traquejo com os semelhantes. São pessoas que não sabem fazer outra coisa, em resumo. E no geral essas pessoas me parecem muito mais infelizes do que aquelas que nunca quiseram ou precisaram se ocupar com filosofia. Acrescento que nenhuma destas últimas me parece mais animalesca por isso, embora no geral elas me pareçam sim mais vivas. No mais, não acredito que a filosofia se encerra sobre ela própria, pois se assim fosse não haveria tantos filósofos lhe fazendo visitas e deixando-a em constante ambiente de socialização, sem nunca lhe permitir ocupar-se apenas de si em paz. Nem acho que ela possa produzir *ex nihilo* ou *ex machina* sequer um pedaço de pão ou de peixe com que o filósofo poderia se alimentar. Eu lhe garanto que nunca conheci pessoas mais dependentes nesta vida do que os filósofos! Movem mundos na imaginação, mas – à exceção dos peripatéticos, claro – levam uma vida quase vegetativa. E não é o Sol nem as chuvas que trazem alimento a essas plantas: quem o traz são as mulheres e os bárbaros.

-Olhe, estrangeiro, devo primeiro lhe ensinar uma regra básica de argumentação racional: esqueça as pessoas que você conhece, esqueça sua vida, esqueça a si próprio. Nada disso interessa, quando consideramos as *primeiras coisas*. E são essas primeiras coisas as que regem todas as outras. Quando falo do homem, eu não me refiro a você, nem a mim, nem sequer a Aristóteles – embora dificilmente venhamos a ter exemplar de homem melhor do que este sobre a terra. Não importam os exemplos. Nossa discussão é sobre o homem como homem, aquilo que é imutável no homem.

-Senhor, mas o homem como homem não filosofa nem vende nada na praça. Como pode ele nos interessar?

-É evidente que não se trata aqui de uma ideia platônica, amigo. Eu me refiro à ordem das ideias. É preciso primeiro encontrar as primeiras coisas, e a partir delas prosseguir com as coisas que delas derivam.

-Quando o senhor fala "primeiras coisas", eu percebo que se refere às coisas mais abstratas, certo? Mas o que o leva a falar assim, quando todos sabemos que as coisas abstratas são as últimas, seja pra um povo ou pra um indivíduo?

-A ordem à qual eu me refiro não é a ordem no tempo, mas a ordem nas ideias. – disse o peripatético, com visível impaciência.

-Nas ideias. Sim. Mas na ordem das ideias, o animal vem antes do homem, e os seres em geral, antes do animal. Se nenhum destes foi jamais visto filosofando... Desculpe-me. Corrijo. Se não é próprio do animal, nem da pedra, essa atividade do filosofar, como pode ser que a mais excelente das coisas deve ser buscada nas primeiras coisas?

-Você pergunta e não vê que a resposta se encontra no meio da própria pergunta. Nem o animal nem a pedra filosofam, e portanto nem o animal nem a pedra têm acesso à ordem racional. Nesse sentido, sequer podemos dizer que são felizes.

-Já os bárbaros... Eu posso lhe garantir que conheci muitos bárbaros felizes. Pelo menos mais felizes do que a maioria dos atenienses que conheci. Desculpe. Não tocarei mais neste assunto.

-Faz bem. Espero que não me tome por presunçoso. Nada mais faço do que oferecer generosamente a você, estrangeiro, e de graça, como não poderia deixar de ser, as pérolas que o gênio ateniense soube, só ele, produzir. É isto que me faz insistir no pedido de não tomarmos os exemplos como se eles fossem a própria ideia. Pois foi pelo poder da abstração pura que os gregos chegaram a dominar o mundo da razão, este que a mente bárbara não tem sequer um vislumbre. Se desejamos prosseguir nesse caminho, não posso lhe pedir menos que isso.

-É forçoso.

-Eu dizia que os animais e os seres em geral são incapazes de acessar as primeiras coisas, e portanto não temos por que perder tempo com eles.

-Nem com os bárbaros.

-Certamente. A raiz da sua confusão é a ilusão, típica dos começos em Filosofia,

de que a razão opera por um simples processo de redução, linear e absoluto, como quando o 16 é reduzido a 4, este é reduzido a 2, e este, por fim, é reduzido a 1. Não é bem assim. Se fosse tão simples, não honraríamos ao mestre Aristóteles como fazemos. Só quem exercita a razão pode conhecer os seus meandros; não existe uma fórmula prévia identificável por quem não filosofa. A própria redução do 2 ao 1 é inteiramente misteriosa a quem só conhece as matemáticas. Digo isto pra esclarecer: não importa que o animal e os seres em geral venham antes do homem na ordem das abstrações simplesmente. Isto tem sua importância em outra parte, mas, uma vez que nos dedicamos à investigação do melhor dos fins, só podemos considerar aquilo que pertence ao mundo humano, uma vez que todos os animais e todos os seres têm como fim o próprio homem!

-Assim como todas as mulheres e todos os bárbaros têm como fim o próprio ateniense.

-Ah. – disse o peripatético, com um misto de surpresa e esperança. – Agora eu senti alguma perspicácia em você! De que povoado você disse que veio? Enfim. Embora eu mantenha toda a severidade da minha abjeção ao seu ensino, começo a perceber que você tem futuro como aprendiz.

-Fico lisonjeado com a consideração. Obrigado. De minha parte, afirmo que você teria bastante futuro como sofista, se o quisesse ser.

-Nem que eu tivesse a pele dourada!

-Se o quisesse... Mas permita-me prosseguir com a nossa dialética. Eu concedo, ao menos por ora, que não nos interessa aqui senão o homem como homem. Mas o que seria o homem como homem, se não este ser que não pode subsistir sem pão e sem água, que se alegra e que chora, que trabalha e que se diverte, que ama e que odeia?

-Acidentes.

-Acidentes. Acidentes que põem fim a muitas vidas. Mas que vidas teriam sequer começo, não fossem os acidentes?

-Isto não importa. Estrangeiro, em todas as minhas discussões com gente da sua classe, nunca me vi diante de alguém tão desprovido de ordem nos raciocínios. Você faz saltos acrobáticos, como um bêbado fanfarrão, com o perdão da imagem.

-Sem problemas, senhor.

-Se passarmos da consideração do homem como homem à consideração do

homem como ser vivo, você percebe que fugiremos ao exame rigoroso deste ponto na cadeia lógica do raciocínio? Consegue perceber?

-Sim, embora, de minha parte, eu não veja nisso o menor problema. Mas concedo novamente. Se o senhor deseja, então, que o homem seja tomado em sua pureza abstrata, livre de quaisquer predicados, sejam estes a vida, a extensão, os sentimentos ou as ações, não vejo como eu poderia, neste homem como homem, querer vislumbrar qualquer coisa como a felicidade ou a nobreza. Nosso exame seria tão inócuo quanto pescar em um rio que secou.

-Hum... – sorrindo com simpatia altiva, como a uma criança – A perseverança no curso da atividade filosófica é algo que talvez você nunca venha a ter. De fato, tomamos o rio como seco. Só assim podemos perceber-lhe o leito. Mas quando vemos um rio seco, nem por isso imaginamos que ele nunca reteve água. Pelo contrário. Sem água, não existiria o rio!

-E como poderia sê-lo?

-Pois bem. Uma vez que temos em nossas mãos o homem como homem, este rio seco, é que podemos enxergar bem como se derrama sobre ele a correnteza, e como por meio desta nadam peixes e crustáceos. Mas apenas a razão filosófica é capaz de esperar pacientemente pelo momento certo em que chega cada um dos elementos que constituem o objeto.

-A razão bárbara é fraca. Ela corre impacientemente em direção à nascente do rio! Ou em busca de um outro leito!

-Sim.

-Pobres de nós, que não temos metade da vossa bravura e da vossa fortaleza. Ensina-me, bravo ateniense, como pescar nesse rio seco! Como fazer correrem águas caudalosas, sem que se precise de nascentes! – o sofista abria os braços, arregalava os olhos, e parecia que ambos planejavam iniciar uma expedição a algum rio cheio de pepitas de ouro.

-Pois bem. Retomemos e veja se consegue me acompanhar. Serei breve e objetivo. Sendo o homem dotado de razão, pois é impossível conceber o homem de outra forma, que não seja um ser dotado de razão – ainda que esta permaneça em desuso ou seja dele arrancada, mas trata-se então de um acidente –, e sendo esta, a razão, a mais excelente das faculdades deste ser, é no exercício mais puro da razão, isto é, na Filosofia, que reside a felicidade humana. Pois a felicidade é o fim último, ao qual todos os fins se subjugam, e ela só pode ser encontrada precisamente ali,

onde os acidentes e os meios não jogam qualquer papel. O bem que a Filosofia nos oferece é imorredouro, pois não é possível que quaisquer das verdades, acessíveis unicamente pela razão, venham a deixar de existir, pois são desde sempre. Como pode o comércio, uma atividade que lança o homem sempre ao meio de outros homens, a essa algazarra sem fim e a essa disputa por um lugar de pouca ou nenhuma segurança, como pode essa atividade ser sequer comparada à Filosofia, aquela atividade tão nobre, por meio da qual o homem se alça ao mundo dos deuses, convivendo com aquilo que nunca morre, pois é desde sempre e não pode deixar de ser? Não lhe parece óbvio que a Filosofia é, não apenas superior, mas até mesmo contrária, incomparável com o comércio? E que o indivíduo que se dedica a esta última atividade não pode ter sequer um vislumbre da felicidade que experimenta o filósofo?

-Sim. Sim. De fato. Meu senhor. Não vou me estender em minúcias. Me dou por satisfeito. Recolherei minhas coisas e não voltarei a pisar em Atenas, ao menos, não por motivos pedagógicos.

-Comprendeste, então, que a Filosofia é superior ao comércio?

-Meu senhor, não. E sim. Se eu tomar os seres humanos tal como eu os vejo e conheço, acredito que nunca serei convencido de que a felicidade ou sequer a verdade pertençam mais aos filósofos do que aos engraxates. Mas, se eu tomar o homem como homem, ou até o engraxate como engraxate, duvido de que algum dia a felicidade e a verdade poderão ser arrancadas das mãos abstratas dos filósofos! De fato, se pensarmos desde as primeiras coisas, conforme o correto ordenamento das ideias, é indiscutível que a verdade e a felicidade pertencem ao filósofo, e apenas através dele poderemos adquirir algum conhecimento de ambas. De fato, o filósofo se move em meio às perfeições. O caminhar dos peripatéticos é como o movimento dos astros nos céus de éter. Como em círculos, Aristóteles vai do homem ateniense às virtudes e novamente das virtudes ao homem ateniense! Trata-se de uma perfeição à qual os homens comuns e as mulheres, em seus afazeres bárbaros, não podem senão aspirar, movendo-se imperfeitamente em direção aos filósofos e ofertando-lhes vinhos, massagens e bifés, como a deuses.

-Devo dizer, caro estrangeiro, que, embora talvez você não tenha muito futuro na Filosofia, poderia dar um bom poeta. E seria amigo dos filósofos. Pense nisso!

-E eu até vejo Sócrates ali parado, como uma espécie de motor imóvel! Desculpe-me. Eu me excedo. Quero dizer que foi um imenso prazer...

Neste momento, o discurso do sofista foi interrompido pelo barulho distante de cavalos

galopando rapidamente. O barulho aumentava, os cavalos se aproximavam. Logo se notou que era um exército. Logo se notou que se tratava de um exército estrangeiro. Dois homens a cavalo, armados, se aproximaram dos nossos heróis, que já se encontravam bem longe do centro de Atenas, e os interpelaram na língua franca.

-Cidadãos de Atenas. Venho informar-vos que sois agora vassalos do nosso rei. Atenas acaba de cair sob nosso poder, e é inútil oferecer resistência. – Enquanto um dos soldados assim falava, o outro apontava uma flecha, ora mirando na testa do ateniense, ora mirando na testa do sofista. – Não temos, aliás, interesse em encerrar vossas vidas, pois, além de serem cidadãos admiráveis, podeis de qualquer modo nos ser úteis em qualquer coisa. O que sabeis fazer, cidadãos?

-Eu sei capinar, plantar, e também sei dar aulas. – disse o sofista.

-Bom saber. Por que você tem essa cor? Esqueça, não interessa. Temos uma grande extensão de terras que pretendemos transformar em pastos reais. Encaminharemos você até lá. E você aí? O que sabe fazer?

-Eu... Eu vou com ele! – respondeu o cidadão ateniense, um pouco estabonado.

Os dois prisioneiros de guerra foram então conduzidos a uma extensão de terra onde o mato crescia livremente. Receberam suas ferramentas e foram alocados próximos um ao outro. Iniciaram suas tarefas, mas o cidadão ateniense se mostrava completamente contrariado. Após algumas dezenas de minutos, quebrou o silêncio até então preenchido apenas pelo barulho das ferramentas e gritos distantes de soldados.

-Isto é inadmissível. – disse ele, se apoiando na enxada imóvel. – Você consegue ver, bárbaro? Que destino miserável! É nisto que dá ceder atenção à fala de seres inferiores. Eu devo ter tido minha mente enevoada pelas suas palavras naquele momento, pois teria sido infinitamente melhor me bater contra aqueles soldados e morrer bravamente a vir parar aqui, com essa enxada e esse mato!

-Eu acho que você devia se dominar e falar mais baixo.

-Ah, covarde! E como eu pude esperar algo diferente de você, seu bárbaro?! Pois eu lhe digo que terá de procurar outra companhia pra essa sua “felicidade” de meteco!

Enquanto dizia isso, o peripatético lançou longe a sua enxada. Mas logo ouviu um novo galopar de cavalos e correu a pegar a enxada de volta. Quando os soldados se afastaram novamente, ele prosseguiu:

-Ha, é óbvio que você me julga tão covarde quanto a si próprio.

-Eu não julgo nada, meu senhor.

-Só os tolos como você confundem coragem e temeridade. De que me valeria agora ser espancado como um pobre coitado que se furta ao trabalho forçado? Agremiarei forças e, no momento oportuno, encontrarei a melhor estratégia. Porei fim a esse estado vil, indigno de minha estirpe. Você verá. Nenhum jugo pode perdurar sobre os atenienses.

-Sim, sim, certamente. E, de fato, eu já ouvi que a coragem ateniense fica no Mediterrâneo, entre a covardia do Sul e a temeridade do Norte. Mas eu venho do Sul, meu senhor, e falaria mais baixo se fosse o senhor.

-E você? Vai permanecer aí, nessa posição degradante? E ainda continua acreditando naquelas anedotas sobre os bárbaros felizes? É a essa submissão covarde que você dá o nome de felicidade? Anda, me responde!

-Meu senhor, pra ser bem franco, eu não me vejo nos apuros que o senhor se vê, nem me acho em posição mais submissa do que a sua. Pra lhe falar a verdade, eu me sinto bem mais senhor das minhas faculdades e do meu destino.

-Com certeza... Senhor da própria servidão...

-Se eu não tivesse sido conduzido a este lugar, pra capinar esse mato, eu me conduziria ou seria conduzido a um outro, pra capinar algum outro lote, talvez um lote mais abstrato, quem sabe um lote político ou filosófico...

-Ah, não me encha com essa sua poesia! Agora eu entendi de onde pode brotar tanta asneira, tanto descaramento, tanta falta de respeito e de pudor entre vocês, sofistas. Vocês são uns covardes! Você é um covarde! A covardia é a fonte de tantos males que vocês despejam nas praças!

Neste momento, um soldado que vinha se aproximando puxa o cidadão ateniense pelo ombro, tão logo as últimas palavras foram proferidas. Ele se volta com o rosto tornado no mais fino mármore. Não emite nenhuma palavra e mal consegue ouvir o sofista prateado, que o chama.

-Meu patrão. Meu patrão. Meu patrão.

Neste momento, o peripatético desperta. Ele se vê deitado em uma rede, na varanda de sua casa. Ele recorda que não é bem ateniense, mas mais propriamente cearense. Sobre o peito, um livro sobre Parmênides, que vem relendo por conta de um capítulo da sua pesquisa atual, acerca da sobrevivência da noção aristotélica de "política" em alguns escritos da primeira geração da Teoria Crítica. À sua frente, um pouco afastado, no portão da sua casa, ele vislumbra um homem, que o chama.

-Meu patrão. Anda trocando a noite pelo dia?

Ele lembra: é o seu Vicente. O seu Vicente tinha combinado com o nosso peripatético no dia anterior de capinar o seu quintal naquele horário. Agora o nosso herói recém desperto nota que o sofista prateado era bem parecido com o seu Vicente. Mas o seu Vicente não tem cor de prata.

-Me desculpe. – disse o peripatético, ou melhor, o nosso contemporâneo pesquisador de filosofia, se aproximando e abrindo o portão. – Vim esperar você aqui fora, fiquei lendo na rede e acabei cochilando.

-Sem problemas. Que livro é esse?

-Ah, é um filósofo.

-É Sócrates?

-Não, Sócrates nunca escreveu. Esse aqui é o Parmênides.

-Uai, e esse livro tem quantas páginas, que mal lhe pergunte?

-Perto de trezentas.

-Esse rapaz escreveu isso tudo e eu nunca ouvi falar dele? Porque do Sócrates, que num escreveu nada, eu já ouvi falar.

-Na verdade, o escrito do Parmênides ocupa só um pedaço pequeno do livro. São fragmentos que restaram, o resto do que ele escreveu se perdeu. A maior parte dessas páginas são outras pessoas comentando sobre o que ele escreveu.

-E escreveram isso tudo sem ter lido o livro todo?

-Ah, é como dizem né? Pra bom comentador, basta um livro pela metade.

-Ah, tá bom – disse, por fim, o seu Vicente, confuso, porém resignado. – Aqui: só falta capinar um restinho, então eu posso pegar o resto da tarde e começar a preparar aquela horta que eu tinha comentado com o senhor.

-Não, não, não se incomode. Basta capinar. Já vou buscar o seu dinheiro. – internamente, o filósofo se sentia um pouco impaciente de lidar com aquele homem insistente, que tudo inventava pra lhe conseguir mais algumas pratas.

-Mas a horta eu faço de graça, meu patrão. Vai fazer bem pro senhor.

-Sim, eu imaginei, mas não quero tomar seu tempo. Pode deixar que eu cuido disso, muito obrigado.

-Bem, o Senhor é quem sabe.